

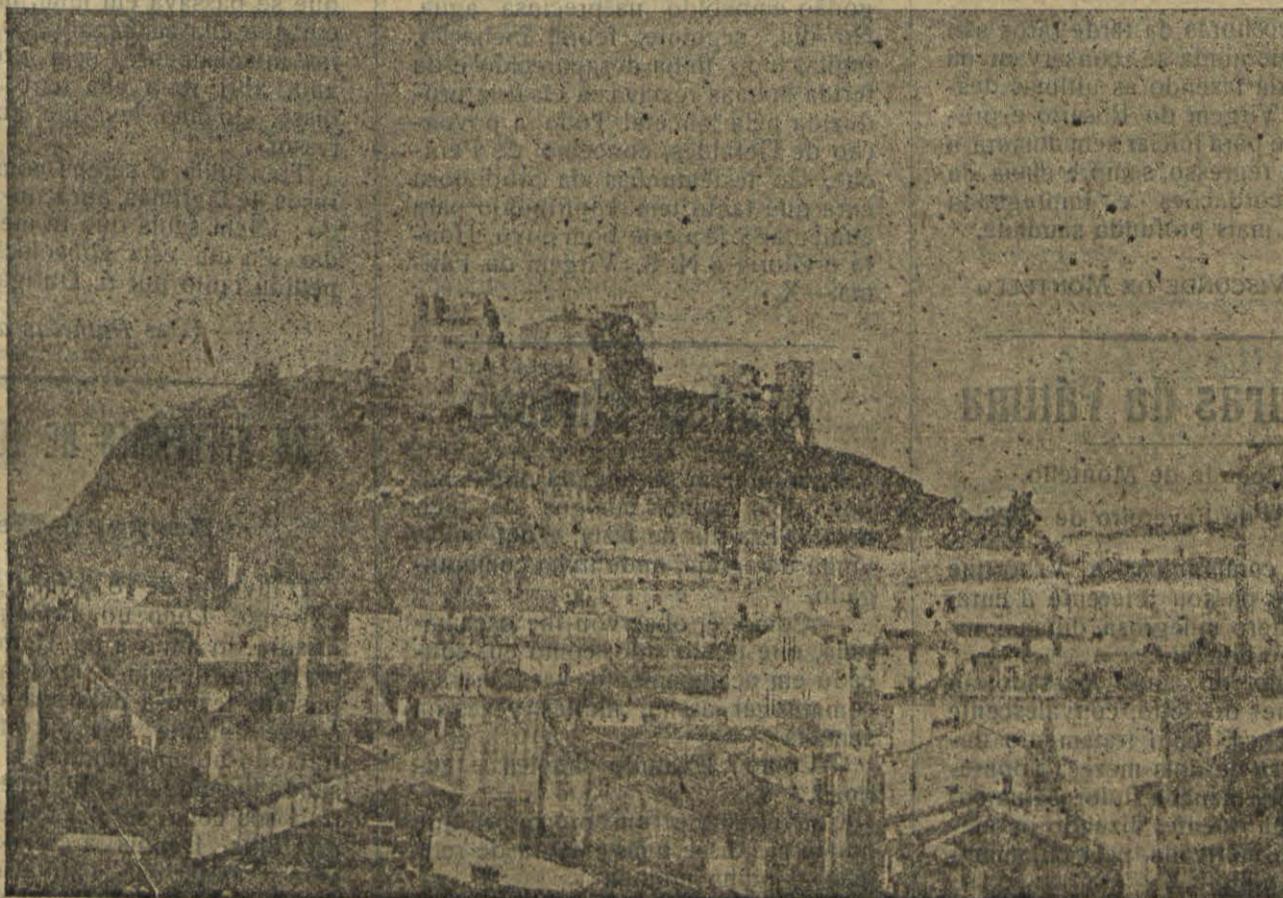


(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor  
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA  
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)



**LEIRIA = Vista parcial**

a maior parte, para assistir á missa campal.

Um peregrino de Castello Branco chegado na vespera á tarde, movido por espirito de penitencia, tinha feito junto da capella uma desconfortavel cama de matto, onde passara a noite ao frio e ao relento.

A missa que foi celebrada pelo rev. dr. Manuel Nunes Formigão, professor do Seminario de Santarem, começou ao meio dia e meia hora.

Estavam presentes cerca de duas mil pessôas, numero igual ao do dia treze de Janeiro. A attenção, o recolhimento e o fervor da assistencia commoviam e edificavam profundamente. O rev. parcho da Fátima, logo que o celebrante proferiu as primeiras palavras do santo sacrificio, começou a recitar o terço alternadamente com o povo.

Essa recitação foi interrompida por varias vezes para se cantarem os can-

... ticos piedosos e emocionantes do costume. A' elevação fizeram-se as invocações de Lourdes. A sagrada communhão foi distribuida a mais de cinquenta pessôas. No fim da missa o rev. parcho da Fátima, annunciou que não havia sermão, aproveitando o ensejo para fazer diversos avisos e recommendações e pronunciar quasi sem o pretender, uma sentida e commovente allocução sobre a Santissima Virgem, e a virtude da penitencia e mortificação christã. Entre as admoestações que fez, uma das mais importantes dizia respeito á venda de artigos de toda e qualquer natureza dentro do recinto sagrado. E' absolutamente prohibida toda a especie de commercio naquelle local, como repetidas vezes tem sido notificado aos fieis pela auctoridade ecclesiastica, de viva voz e por escripto. Depois do sermão muitos peregrinos vão prover-se de agua da fon-

**13 de Fevereiro**

O dia 13 de Fevereiro amanheceu risonho e esplendido, embora sensivelmente frio, porque durante a noite cahira uma forte camada de geada que ensopava ainda os campos e os caminhos.

A's oito horas o sol brilhava com vivo fulgor no horisonté distante, tornando o ambiente tepido e agradável como num dos dias mais amenos e formosos da primavera. No firmamento não se exergava uma unica nuvem e apenas uma leve aragem agitava brandamente e a espaços as folhas mais altas das arvores da montanha.

Toda a manhã numerosos peregrinos accorreram ao local das aparições, retirando uns depois de satisfeita a sua devoção, ficando outros,

te maravilhosa, a cuja influencia salutar se atribuem curas extraordinarias. Outros procuram lugares apropriados, longe do recinto das aparições, para comerem tranquillamente os seus farneis. Alguns, formando grupos, ouvem com attenção e interesse o relato de prodigios que se dizem devidos á intercessão de Nossa Senhora do Rosário da Fátima.

Mas uma grande multidão estaciona ainda por muito tempo em frente da capella commemorativa das aparições erguendo ao Ceu as suas supplicas ou offerecendo os seus *ex-votos*. Algumas pessoas, em cumprimento de promessas, dirigem-se de joelhos para a capella ou andam em torno della uma ou mais vezes, tambem de joelhos.

A «Voz da Fátima» que se distribue com profusão e gratuitamente, é procurada e lida com a avidez do costume.

A's cinco horas da tarde raros são os fieis que ainda se conservam na Cova da Iria fazendo as ultimas despedidas á Virgem do Rosario e preparando-se para iniciar sem demora a viagem de regresso, sempre cheia de gratas recordações e impregnada sempre da mais profunda saudade.

VISCONDE DE MONTELLO

## As curas da Fátima

... Sr. Visconde de Montello.

Lisbôa, 9 de Fevereiro de 1923.

Venho comunicar a V. o que comigo se passou referente á cura, que considero milagrosa, duma complicação de phlebite.

Em Maio do anno passado, ao levantar-me do leito, convalescente dessa doença, cujo tratamento demorou cerca de dois mezes, appareceu-me uma mancha dolorosa na coxa da perna doente, dizendo os medicos ser motivada pela inflammação duma veia.

Essa inflammação manteve-se apesar de um tratamento cuidadoso e repouso absoluto. Tendo diminuido de coloração, tentei novamente levantar-me, mas, todas as vezes que andava, a dôr na veia reaparecia e a inflammação augmentava. Continuei assim mais de um mez, com alternativas de movimento e repouso forçado.

Os medicos foram de opinião que este estado se manteria durante mezes, dizendo um delles, considerado unanimemente uma sumidade medica, que a doença e o tratamento seriam muito prolongados e que seria talvez necessaria mais tarde a extracção dessa veia.

Não vendo melhorar o meu estado, recorri cheia de fé á Nossa Senhora de Fátima e ao deitar-me banhei a mancha com agua do local das aparições que me tinha sido cedida por pessoa das relações duma amiga minha.

Com grande alegria no dia seguinte verifiquei que estava muito melhor e passados dois dias com-

pletamente curada, não me tendo reaparecido a dor e a mancha até hoje.

Para maior gloria e louvores a Nossa Senhora de Fátima e regosijo dos seus fieis, peço a V. a fineza da publicação desta cura milagrosa.

Apresentando os meus cumprimentos, subscrevo-me de V., etc.

Laura Proença Fortes Fernandes de Barros

Avenida da Republica, 83 — Lisboa.

«... Sr.—Em outubro p. p., um jornalista teve em um dos pés uma enfermidade. A necessidade de ganhar o pão para sua pobre familia o obrigou a trabalhar, mal podendo durante 9 semanas, ao fim das quaes foi forçado a ficar de cama. Aplicou-se-lhe sôbre a ferida um pouco d'algodão embebido na preciosa agua. No dia, seguinte, febre, inchação, ingua, tudo tinha desaparecido e da ferida apenas restava a cicatriz produzida pela lanceta! Toda a povoação de Geraldés, concelho de Peniche, são testemunhas da prodigiosa cura que tanto tem contribuido para aumentar a fé a este bom povo. Honra e Gloria a N. S. Virgem da Fátima.—X.»

## Mulher christã

Encontraram-se um dia dois amigos, dois velhos amigos de regimento. Era dia de festa, e um delles vinha da igreja, onde tinha commungado.

— Como é, observou-lhe o camarada, que tendo sido, como eu, educado em acampamento, vaes agora a commungar assim, muitas vezes na semana?

— Como? E' muito simples e curioso.

Converteu-me um prégador, que nunca me disse uma palavra de religião — minha mulher.

Ella era piedosa. E eu, que desde solteiro, desde o principio a amava, respeitava sua fé, ainda que não pensasse como ella. Quando moça fazia parte de todas as congregações da sua parochia e assignava-se «Filha de Maria.» Estas duas palavrinhas faziam-me sorrir, mas, não sei porquê, não lh'o levava a mal.

Mais tarde deu-se toda a mim, mas ficando o que era: piedosa, religiosa, assidua á igreja; e nunca notei que a piedade a prejudicasse no menor dos seus deveres.

Raramente me falava de Deus, mas eu lia no rosto o pensamento: e, quando por habito inveterado, eu deixava escapar alguma blasphemia, via-a empallidecer. Algumas vezes mesmo uma lágrima furtiva lhe corria pela face, mas em breve retomava o sorriso e se mostrava sempre dedicada, mais ainda talvez que antes. Nunca me dizia que eu tinha feito mal, mas eu lia-lh'o no rosto.

Quando á minha vista orava, pela manhã e á noite, e nunca deixou de o fazer, suas feições se illuminavam;

e a mim vinham-me impulsos de me ajoelhar junto della.

Quando ella voltava da igreja, onde commungava, sentia em mim uma atmospheria mais suave, mais serena; nesse dia tornava-se mais risonha... Parecia um anjo.

Quando me prodigalisava cuidados, quando me pensava as minhas feridas, era uma irmã de caridade.

Estou certo de que mais de uma vez a fiz soffrer; ella, porém nunca m'o deu a entender.

E assim durante seis annos dessa prégação, que me compenetrava e, mau grado meu, grandemente me foi transformando, senti-me emfim tomado de desejo de amar a Deus, aquelle Deus que minha mulher amava, que lhe inspirava a dedicação que eu muito precisava e as virtudes que faziam o encanto da minha vida.

Não podia comprehender bem o que se passava em mim; mas um dia em que ella acabava de commungar, instantaneamente, sem previa reflexão, abri para ella os braços e lhe disse: «Joanna, leva-me ao teu confessor».

Tranquilla e serena com os olhos rasos de lágrimas, abraçou-me dizendo: «Bem sabia que tu me havias de dar um dia esta consolação. Tenho pedido tanto por ti. Obrigada!»

(Das Palhetas de ouro)

## AS APPARIÇÕES DE LOURDES

II

### Bernardette

O inverno de 1855 foi rigoroso em extremo. Logo no principio dessa quadra do anno a tia Bernarda, que era, como dissemos, madrinha de baptismo, levou-a para sua casa e ahí a teve durante sete ou oito mezes, tratando-a com bondade e prodigalizando-lhe cuidados intelligentes e carinhosos como se ella fôsse sua propria filha. Depois a creança voltou para a miserrima habitação da rua dos *Pequenos Fossos*, onde recomeçou a sua vida de privações. Todavia encontrava alli a sua querida mãe que a educava no temor de Deus e o seu bom pae que trabalhava com a maior diligencia para sustentar os seus seis filhos.

Alli respirava uma atmospheria de religião, de coragem e de piedade, tranquilla.

Todas as noites depois de uma ceia frugal, fazia-se a oração em comum e depois, segundo contam os visinhos, ouvia-se uma voz fresca e pura que recitava a Ave-Maria; era a de Bernardette que tinha já entoações penetrantes e dir-se-hia a voz dum anjo que vinha amenisar as tristezas do *Carcere*. Aos domingos o pae e a mãe assistiam aos actos religiosos na igreja parochial, onde se dirigiam conduzindo os filhos pela mão ou levando ao collo aquelles que ainda mal podiam andar por seu pé. Na Paschoa ajoelhavam-se ambos á meza eucharistica para receber o Deus que santifica e consola, que ensina o valor e o objectivo da vida e que

rejuvenescê perpetuamente a fé, a coragem e as almas.

Era pois uma familia christã que Deus abençoava porque era amado por ella, um santuario de piedade em que a Virgem sem maculã escolhia desde já um coração innocentissimo, digno de se tornar um dia seu vidente e seu apostolo. Durante o verão de 1857 Maria Aravant, precisando duma pastorinha para apascentar o seu rebanho, pediu Bernardette que ella nunca tinha perdido de vista, e esta sentiu-se feliz em voltar a Bartrés para junto daquella que considerava como sua segunda mãe.

Os paes deixaram-na com tristeza partir, mas era uma bôca de menos a alimentar e a miseria obriga os pobres aos mais duros sacrificios do coração.

Em Bartrés não passou despercebida. Todos estimavam essa pastorinha tão meiga, sempre sorridente, de rosto illuminando por dois olhos candidos e puros.

Esta creança tão modesta, que procurava esquivar-se ás vistas do mundo, era singularmente attrahente e ninguem a deixava passar sem lhe dirigir uma palavra de interesse affectuoso, a que ella correspondia com uma timida amabilidade que augmentava ainda mais o encanto da sua pessoa. Um dia em que conduzia o seu rebanho para os planaltos, de chibata na mão, encontrou o parochio e saudou-o com uma graça, uma simplicidade e um respeito que muito impressionaram o venerando pastor d'almas.

Elle voltou-se para traz afim de a observar com attenção enquanto se afastava e depois disse ao professor que o acompanhava, o senhor Barbet:

—Se o retrato que o meu espirito fórma das creanças de La Salette é exacto, esta pastorinha deve parecer-se bastante com ellas.

E comtudo a virtuosa menina não possuia nenhum desses dons da intelligencia que deslumbram nas creanças cujo espirito acorda lançando clarões encantadores.

Tinha falta de memoria e comprehendia com difficuldade, pelo menos na apparencia, as licções de doutrina que Maria Aravant lhe dava todas as tardes. Ora esta bôa mulher não ignorava que a humilde pastorinha tinha quatorze annos completos e que passara a idade em que devia ter feito a sua primeira communhão. Mas a creança parecia não ter mais de dez annos, e por isso é que sem duvida se haviam preocupado muito pouco com ella até na cafechese, onde era relegada para os ultimos logares. Maria Aravant reparava, tanto quanto possivel, este esquecimento e queixava-se de que os seus esforços fôsem coroados de resultados tão poucos animadores.

Bernadette tinha cabeça dura, disse ella mais tarde, aliás sem nenhuma amargura. Por mais que repetisse as minhas licções, nada conseguia e era necessario recommençar todos os dias. A's vezes não podia deixar de impacientar-me e, despeitada, atirava com o livro para um

canto e dizia-lhe: «Vae-te embora, Ah nunca has-de ser senão uma tonta e uma ignorantel!» Bernadette ficava cheia de confusão, mas não se affligia nem amuava. As palavras de Maria Aravant penetravam talvez mais fundo do que ella suppunha: sem duvida o Espirito Santo realisava a sua obra neste espirito eminentemente recto em que se comprazia, a piedade para com a Virgem augmentava e avigorava-se cada vez mais nessa alma innocente e ella consolava-se da memoria ingrata que vinha desfiando com amôr as contas do terçosinho que comprehendia tão bem no intimo do seu coração.

Todavia Maria Aravant, no intuito de tranquillisar a consciencia, foi ter com o parochio de Bartrés para lhe fallar da creança e da sua primeira communhão. O virtuoso sacerdote acolheu com benevolencia as suas propostas e deu-lhe alguns conselhos, mas os seus dias de serviço na freguezia estavam contados, porque tinha sollicitado e obtido a sua admissão entre os Benedictinos.

Disse, pois, á sua parochiana:

—E' possivel que Bartrés fique durante algum tempo sem parochio, e por isso convido-a a mandar Bernadette para casa da familia. Recomende-a da minha parte ao clero de Lourdes que a preparará para a primeira communhão.

Este alvitre foi posto em prática. E assim nos primeiros dias de Janeiro de 1858 a humilde creança deixava Bartrés e entrava de novo na pobre casa da rua dos Pequenos Fossos.

Todos pensavam que ella era completamente ignorante das cousas de Deus como o era das cousas da vida; mas, aos olhos do Ceu, como era grande, bella e adeantada em graça!

Comtudo ignorava na sua simplicidade que Deus e a Santissima Virgem, a quem rogava com tanta devoção, podiam ter designios particulares de misericordia e de gloria sobre ella, creatura tão pequena e tão desprovida de tudo. Deus preparava-se para exaltar esta humilde filha do povo.

(Versão do francez) (Continua)

V. de M.

### A lampada do Santissimo

Sabiu um dia de casa, a passear com sua filhinha de seis annos, o ministro protestante, rev. dr. Mann Hills. O facto deu-se em Londres, no anno de 1900.

Ao passar por uma igreja catholica, lembrou-se o ministro de ahi entrar com a pequena.

A menina fixou sua attenção na lampada do Santissimo, que derramava uma claridade meiga e suave naquelle momento.

—Para que é essa lampada? perguntou-lhe a criança.

—E' para mostrar, respondeu-lhe o pae, que alli no altar, está Jesus, por detraz daquella portinha dourada.

—Ail eu queria vêr a Jesus.

—Filhinha, não pôde ser. A porta

está fechada á chave, e além disto, dentro ha umas cortinas, e Jesus ainda fica por detraz dellas.

—Papá, insistiu a pequena, eu queria vêr a Jesus.

O ministro procurou entreter a pequena, mostrando-lhe outras cousas na igreja, até que por fim conduziu-a para fóra da porta.

Passeando pela cidade, a menina, de quando em quando, perguntava por Jesus. Dadas algumas voltas, o pae entrou com ella num templo protestante.

Ahi a criança relanceou a vista por todos os lados e não vendo lampada alguma perguntou:

—Papá, porque é que não está aqui lampada?

—Porque . . . porque aqui não está Jesus, respondeu-lhe timidamente o ministro.

Então, nada mais houve. A menina sonhou muitas vezes, e alto, naquella noite, fallando de Jesus. Durante o dia seguinte, com frequencia, repetia que queria vêr a Jesus. Isto produziu tal abalo no animo dos paes, que estes terminaram por abraçar a religião catholica, e com ella a pobreza, porque, com a sua conversão, o ministro perdeu uma renda de mil libras anuaes.

## A ALEGRIA

«Se tiveres a alegria no coração, o teu espirito será mais lucido, o teu pensamento mais bem definido, a tua imaginação mais viva, a tua alma mais serena, as tuas disposições morais mais elevadas, a tua communição com os outros mais amavel, a tua saude mais solida, a tua piedade mais terna, a tua virtude mais pronta ao sacrificio.»

M. Carton de Wiart afirma *os direitos á alegria*—A' alegria e não sómente a «alegrias» passageiras e intermitentes. Quer para cada um de nós uma alegria que se confunda com a nossa existencia, que seja para nós uma bôa companheira de todos os dias e de todas as horas.

Saber encontrar a verdadeira alegria é o que se ignora no nosso tempo. A verdadeira alegria não se vende nas lojas da moda, e a vida ainda se escurece mais depois dos fogos de palha do prazer.

Nós procuramos a nossa alegria muito longe ou muito em baixo, quando ela está em nós menos. Sejamos alegres. «A' fôrça de desejar e querer a alegria acaba-se por conquistá-la.» Temos afflicções? Mas se o bom humor dos outros dissipa muitas vezes as sombras do nosso coração, porque não ha-de o nosso proprio bom humor fazer o mesmo effeito? Neste campo, como em muitos outros, o poder da nossa vontade é maior do que nós julgamos.

«Quem nos impede todas as manhãs, de convidarmos a nossa alma para a alegria, e de lhe fazer o discurso que fariamos áqueles que quizessemos animar e consolar? Bem deitadas as contas, não será a vida tão rica em argumentos para a alegria como em motivos de dôr? . . .»

«Se procuramos a alegria muito longe de nós, também a procuramos muito baixo. A alegria quer o ar das alturas. A verdadeira alegria só floresce a uma certa altura. Não se encontra nem na lama dos prazeres grosseiros, nem sob o duro rochedo do egoísmo.»

M. Carton de Wiart diz-nos onde ela desabrocha, onde se escondem «os ninhos de alegres pensamentos», no cumprimento dos deveres humildes, na benevolência para com os seres e as coisas, no desejo de tornar os outros felizes e na satisfação de o conseguir, no sentimento da natureza, nas boas leituras e nas boas canções, no amor do lar e nas ternuras da família.

Mais alto! A verdadeira alegria ainda está mais alto, num cume onde as flôres nunca murcham: está na felicidade da crença. E' quando cremos que «melhor gozamos as pequenas felicidades, e que suportamos mais facilmente as piores tribulações». Ha homens que trabalham sempre de bom humor, e que estão constantemente iluminados dum sorriso interior: a sua alma sempre igual, sempre radiante, tem a serenidade dos grandes lagos.

Qual é pois o seu segredo? «Eles vivem» numa conversação muda mas permanente com o além. O seu coração está em paz porque o seu espirito está em Deus.

(De A União)

## PRÓ PARTIDO EM PEQUENINOS

### O pobre avarento

Caminhava certa noite por uma estrada um viandante que parecia rico e abastado.

Encontrou no caminho um mendigo andrajoso, cheio de fome e de canção, que se lhe dirigiu a pedir-lhe uma esmolinha pelo amor de Deus.

Condoeu-se o passageiro, da penúria do mendigo e num rasgo de generosidade disse-lhe:

— *Amigo! Todo o meu dinheiro são sete moedas de ouro. E' quanto me resta para completar a viagem. Mas usando de economia, talvez me chegue uma moeda para as despesas indispensáveis. Aqui tem as seis moedas restantes, dou-lhas! Que Deus o faça feliz!*

Desfez-se o pobre em agradecimentos, mas andados alguns passos, entrou com elle o demónio da avareza a segredar-lhe:

— *Seis moedas! E' bem bom! Nunca tu imaginaste que podias vir a ter tanto dinheiro! E se o passageiro te tivesse dado a outra ficarias com setenta e sete! Era a conta certa! E demais para que a precisa elle? Tu podias ir atraz delle, tirar-lhal! Se elle resistisse matava-lo e era cousa acabada! A estrada está deserta! Ninguém vê! Sete moedas! Era a conta certa! Andar! Mãos á obra antes que rompa o dia!*

Meu dito meu feito! Vae-se o pedinte atraz do passageiro, lança-lhe

as mãos ao pescoço e afoga-o para lhe tirar a moeda que lhe restava.

E feito isto seguiu o seu caminho assobiando, como se nada fôsse com elle . . .

\* \* \*

Quem ha ahi que se não horrorise com semelhante crime?! E' assim que se pagam os benefícios daquelle homem generoso, que tendo sete moedas, só reserva uma para si e até essa l'ha tiram!

Pois bem! Talvez tu que me lês, sejas bem mais criminoso do que esse homem! Eu?! Dirás tu, horrorizado! Sim, tu, tu próprio! Todo aquelle que profana o domingo, o dia do descanso, é semelhante áquelle pobre avarento e assassino. Deus na sua infinita Bondade, deu-nos seis dias, para nós trabalharmos, para ganharmos a nossa vida honradamente — e reservou para si apenas um — o domingo — o dia do Senhor, para nós o servirmos. E que fazemos nós? Até esse dia lhe roubamos, até esse queremos para nós! Nunca tinhas pensado nisso? Pois bem: Pensa a sério nisso.

Não queiras ser ladrão de Deus, e assassino de tua alma; e faze o proposito firme de nunca mais profanares o domingo, occupando-te em trabalhos servis. E' o terceiro mandamento de Deus: — *Guardar domingos e festas de guarda!*

PAULINO DA CRUZ

## LITURGIA

Foi, ha pouco, editado pela Livraria Moderna do Porto, a tradução do livro do beneditino Dom Gaspar Lefevre que não temos duvida de recomendar aos nossos leitores. A liturgia, como todos sabem, é o culto oficial da Santa Igreja. Não é apenas um conjunto de cerimoniaes mais ou menos impressionantes.

Cada uma das cerimoniaes a que assistimos nos nossos templos, tem uma significação, uma historia e ensinamento.

Para tirarmos das cerimoniaes que praticamos ou vamos praticar, o devido fruto é preciso entende-las.

E' o fim a que visa o livro do autor da Liturgia.

Felizmente ha hoje em todos os paizes uma grande tendencia para estes estudos que para muitos christãos eram completamente desconhecidos e constituem, portanto, uma verdadeira descoberta.

A liturgia procura «restaurar em Christo» a sociedade, glorificando a Deus pelo exercicio digno e consciente do culto oficial que lhe é devido e sanctificando o christão pela participação activa e consciente nas santas cerimoniaes da Igreja.

Por isso, dizia Pio X, que a liturgia é a origem primaria e indispensavel do verdadeiro espirito christão.

Recommendamos, pois, esta obra esperando della optimos beneficios, para os devotos de Maria Santissima.

## Voz da Fátima

### Despesas

Transporte . . . . .	714:370
Impressão do n.º 5 . . . . .	136:500
Outras despesas . . . . .	18:100
Soma . . . . .	868:970

### Subscrição

(Coninuação)

D. Berta Delgado . . . . .	10:000
Esmolas colhidas no dia 13 de fevereiro na Fátima . . . . .	18:800
P. Manuel Pereira d'Oliveira . . . . .	10:000
Joaquim Augusto Lacerda . . . . .	5:000
D. Maria da Glória Pereira . . . . .	10:000
D. Maria Olimpia de Borja Saavedra . . . . .	5:000
José da Fonseca Castel Branco . . . . .	10:000
D. Maria Amalia Capelo Franco Cunha Matos . . . . .	10:000
Dr. Raul de Magalhães . . . . .	10:000
D. Luiza Ribeiro da Cunha . . . . .	10:000
D. Henrique de Mustera . . . . .	20:000
D. Herminia V. da Costa . . . . .	10:000
D. Maria José d'Almeida Telles . . . . .	10:000
D. M. d'Assumpção Lucas . . . . .	10:000
Condessa de Sabugosa . . . . .	10:000
Condessa de S. Lourenço . . . . .	10:000
D. Izabel de Mello Almada . . . . .	10:000
D. Maria Amélia Ortigão de Mello . . . . .	10:000
D. Cordalia Duarte Gomes da Silva . . . . .	10:000
D. Laura Fernandes de Barros . . . . .	10:000
D. Teresa Ferreira Marques . . . . .	10:000
P. Manuel Marques Combina . . . . .	10:000
P. José Alves Duarte . . . . .	10:000
Manuel F. de Mello . . . . .	10:000
D. Maria Clementina Alves Peixoto . . . . .	10:000
D. Ignês Baptista Tavares . . . . .	10:000
Antonio Frago . . . . .	10:000
D. Catarina Reverenda . . . . .	2:000
Anonimas . . . . .	10:000
D. Maria das Neves Varela Teotonio . . . . .	10:000
D. Irene Rosa . . . . .	10:000
D. Amélia C. da Fonseca . . . . .	10:000
D. M. C. da S. N. . . . .	10:000
Esmolas avulsas . . . . .	2:700
D. Joana de Jesus Ricardo . . . . .	10:000
P. Francisco A. da Silva Valente . . . . .	10:000
D. Maria Izabel Henriques . . . . .	10:000
D. Bela Azevedo Ferreira . . . . .	10:000
Francisco de Freitas Correia . . . . .	10:000
P. Julio Antonio do Vale . . . . .	10:000
D. Maria Carolina Fontes . . . . .	10:000
D. Maria das Dôres Pinto Montenegro . . . . .	10:000

O nosso jornal é distribuido gratuitamente nos dias 13 de cada mês na Fátima.

Quem enviar a esta redacção a quantia de dez mil réis terá direito a ser-lhe enviada a *Voz da Fátima* pelo correio durante um anno.